

REFLEXÕES SOBRE OS DOIS PRIMEIROS ANOS DA REVISTA *CULT*(1997-1999) 1

Fabiola Alves da Silva



Como este é um encontro sobre periódicos literários e principalmente sobre a literatura através deles, o meu objeto de estudo não podia ser diferente. Vou expor aqui algumas considerações sobre a Revista *CULT*. Tais considerações ou reflexões são decorrentes de um trabalho que venho realizando desde março de 2000 como bolsista do CNPq e membro do projeto integrado “Poéticas Contemporâneas II”, que visa a formação de um banco de dados composto por informações provenientes de várias revistas, suplementos e periódicos literários e culturais que circulam ou circularam desde os anos 60.

O trabalho com a Revista *CULT* é apenas uma pequena parte do projeto “Poéticas Contemporâneas II” e seguindo alguns dos objetivos do projeto integrado pretendo analisar a partir da observação da estrutura da revista e dos dados quantitativos se os seus textos mesclam a “profundidade acadêmica” e a “superficialidade jornalística” como é mencionado em um dos editoriais da *CULT*, se a revista é um “produto” para ser consumido, e se ela está abrindo espaço para novos autores, novos temas ou perpetuando os já consagrados.

A Revista *CULT*, para quem não a conhece, é uma “publicação que nasce como um espaço para a literatura, a cultura e a reflexão”². Ela existe desde julho de 1997, com periodicidade mensal, e conta 52 exemplares lançados até outubro de 2001.³ Entretanto, o presente trabalho só irá analisar os dois primeiros anos da revista, compreendendo o período que vai do lançamento a julho de 1999.

É inegável que a *CULT* conseguiu triunfar neste momento em que o mercado editorial está saturado por livros de auto-ajuda, esotéricos, revistas de fofocas, e tantos

1 “O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico”. E apresentado na “II Jornada de Periódicos Literários — Tecendo outros laços — A literatura através dos periódicos” na UNESP, Campus de Assis em outubro de 2001.

2 LEMOS, Paulo; PINTO, Manuel da Costa. “Ao leitor” In: *CULT*, n. 1, julho de 1997, p. 2.

3 Data em que este trabalho foi redigido.

outros produtos de leitura fácil e rápida. Então, qual será a receita desse “sucesso” da *CULT*? Será que a revista teve que apelar para essa demanda do mercado para triunfar?

No décimo segundo editorial da *CULT*, quando a revista completava um ano de existência, o editor e jornalista responsável, Manuel da Costa Pinto, comenta:

A revista foi lançada num momento singular do meio cultural brasileiro. Acabavam de surgir publicações de poesia e livros como *Azougue*, *Inimigo Rumor* e *Livro Aberto*. Pouco depois da *CULT* surgiram *Bravo!* e *Ventura*, voltadas para artes e espetáculos. Dentro desse panorama, a *CULT* corria o risco de ser apenas mais uma publicação entre tantas outras. Felizmente, para nós, para o leitor e para a cultura brasileira como um todo, isso não aconteceu. 4

O próprio editor afirma o êxito da revista e em seguida revela a fórmula utilizada para dito “sucesso”. Segundo ele a *CULT* busca “atingir um padrão de equilíbrio entre a atualidade jornalística das matérias e a profundidade ensaística com que são tratadas”⁵. Para muitos pode parecer absurda tal combinação que retoma aquela velha história da oposição entre acadêmicos e jornalistas. Entretanto, para Manuel da Costa Pinto essa discussão é obsoleta, como afirma no editorial do nono exemplar da *CULT* e ainda no mesmo texto comenta:

[...] quando conseguimos unir a erudição (imprescindível na crítica) a uma escrita envolvente, ao mesmo tempo elegante, irônica e profunda, estamos diante de um ideal de ensaísmo que raros autores — sejam jornalistas, sejam acadêmicos — conseguem atingir. 6

Manuel da Costa Pinto deseja que os textos da *CULT* atinjam esse “ideal de ensaísmo”. Porém, o que se detecta, através do estudo da estrutura da revista e dos dados quantitativos, é uma escala de nuances entre a “superficialidade jornalística” e a “profundidade acadêmica”. Inclusive é possível comparar, ou até mesmo denominar, essa “superficialidade” a um caráter didático e informativo, e a “profundidade” a um lado reflexivo e crítico.

A revista é composta por seções fixas e por matérias que variam a cada exemplar (o que dificulta o seu mapeamento). Das seções fixas, que estão mais ligadas a essa tendência didática ou informativa, encontram-se: “Notas” (informes sobre lançamentos de livros, congressos, concursos, e outros eventos), “Entrevista” (que sempre traz

4 PINTO, Manuel da Costa. “Ao leitor” In: *CULT*, n. 12, julho de 1998, p. 2.

5 Idem, *ibidem*.

6 Idem. “Ao leitor” In: *CULT*, n. 9, abril de 1998, p. 2.

personalidades do meio cultural com a particularidade de apresentar o entrevistado e muitas vezes reproduzir alguma criação deste, como poemas e trecho de obras, entre outros), “Na ponta da língua” (seção assinada pela Prof. Pasquale Cipro Neto, que discorre sobre questões da língua portuguesa) e “Memória em revista” (seção do colunista Cláudio Giordano, que faz uma viagem ao passado resgatando revistas, periódicos, livros culturais que marcaram época). Sem contar as matérias sobre bienais de livros ou exposições de arte e a série “Fortuna Crítica”, assinada por Ivan Teixeira, que fazia um histórico das principais tendências da crítica literária, como: a retórica e a literatura, o formalismo, o *new criticism*, o estruturalismo, o *new historicism* e o desconstrucionismo. (*CULT* nº 12 a nº 17) As seções listadas acima parecem formar um tipo de guia ou roteiro para aqueles que pretendem mergulhar no mundo da literatura e da cultura.

Outro ponto de destaque na estrutura da revista, também com caráter didático, são as notas paratextuais, que aparecem complementando algumas matérias. Tais notas, geralmente, surgem sob a forma de informações sobre um livro resenhado, uma cronologia sobre a vida de um escritor, uma listagem de obras sobre algum tema ou de determinado autor. Esses dados anexos dão muitas vezes uma contextualização ao leitor leigo ou informações para futuras pesquisas.

Já o lado mais voltado para as reflexões mais profundas se encontram nas seções: “Turismo literário” (seção que discorre sobre lugares ou cidades vinculados a escritores ou às suas obras), “Criação” (dedicada à publicação de poesias, contos e textos literários inéditos, surge no 12º exemplar da *CULT*), “Gaveta de Guardados” (semelhante à seção “Criação”, publica textos inéditos de escritores brasileiros e aparece a partir do 22º número da revista), “Biblioteca imaginária” (seção assinada por João Alexandre Barbosa, que sempre aborda questões de literatura, seja na forma de ensaio ou resenha) e o “Dossié” (última seção da revista que traz diversos textos sobre um mesmo assunto sempre relacionado à literatura).

Além da estrutura da revista, como já foi mencionado, os dados quantitativos também confirmam essa tendência dualista da Revista *CULT*. Isso é bem evidente nos autores colaboradores mais freqüentes, em que aparecem tanto jornalistas e editores, como professores universitários e críticos literários.

Dos quinze autores que mais colaboraram na *CULT*, oito estão vinculados ao jornalismo ou à editoração, os demais autores são professores, críticos, pós-graduandos, poetas ou tradutores. Os quatro autores que mais colaboraram, também colunistas da

CULT, são: Manuel da Costa Pinto, editor e jornalista; Cláudio Giordano, editor do jornal *Nanico* e da editora Giordano; Pasquale Cipro Neto, professor, apresentador de um programa cultural televisivo, colunista e consultor de alguns jornais e João Alexandre Barbosa, professor titular de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP e crítico literário.

Tentando responder a segunda pergunta formulada acima, relembrando: será que a *CULT* teve de aceder aos caprichos do mercado? Sim e não. Como já foi dito, por um lado, a revista tentou ser mais acessível aos leitores não familiarizados com a área da literatura, adquirindo um caráter didático; por outro lado, manteve um certo rigor acadêmico nos temas tratados. Nas palavras do editor a tarefa da revista é:

[...] ser ao mesmo tempo informativa para quem tem lacunas em sua formação cultural (lacunas inevitáveis num contexto cultural tão precário) e instigante para aquela parcela de leitores que, habituados com os prazerosos labirintos da leitura, desejam ter uma visão renovada de seus temas e autores preferidos. 7

Em outras palavras, a *CULT* tenta agradar a gregos e troianos. Mas aí surge outra pergunta: essa tentativa de agradar a públicos diferentes não revela uma tendência comercial da revista?

Seria ingenuidade dizer que tudo é pelo amor à arte e à sua democratização. A tendência comercial não está presente só na forma dos textos da revista, está também muito visível no tipo de papel utilizado, na diagramação e na impressão, no sem número de iconografias excelentemente reproduzidas, sem contar as publicidades que em determinado momento fizeram aumentar o número de páginas da revista.

Mas o caráter comercial da *CULT* fica também evidenciado pelas próprias palavras do diretor Paulo Lemos, no segundo editorial, de agosto de 1997, onde diz que:

[...] algumas empresas clarividentes descobriram que a cultura é, a curto prazo, um bom negócio (pois efetivamente atrai o interesse do público) e, a longo prazo, um instrumento de qualificação humana que nenhum país pode menosprezar. 8

Ele ainda comenta que “[...] a cultura talvez seja a única matéria-prima cujas fontes são inesgotáveis e que, ao ser consumida, se reproduz.” 9

7 PINTO, Manuel da Costa. “Ao leitor” In: *CULT*, n. 12, julho de 1998, p. 2.

8 LEMOS, Paulo. “Ao leitor” In: *CULT*, n. 2, agosto de 1997, p. 2.

9 Idem, ibidem.

Essa atitude comercial declarada pelo diretor da revista não é tão condenável assim, pois, sem auxílio do governo e de instituições, uma produção cultural, geralmente, está fadada ao fracasso, principalmente nos dias de hoje.

Para se manter independente de verbas externas, a *CULT* teve que se tornar um “produto”. Mas isso não deve ser visto como algo negativo, pois hoje em dia é difícil saber o que não é “produto” para consumo. É preferível pensar a revista como um “produto” realizado para informar e despertar a crítica por parte de seus leitores, o que geralmente outros tipos de “produtos” não fazem.

Então, não se deve conceber a Revista *CULT* como mera leitura de entretenimento e alienação, tampouco colocá-la no pedestal e sacralizá-la, mesmo porque a revista não pretende isso. Segundo Paulo Lemos e Manuel da Costa Pinto, no primeiro editorial, a *CULT* quer

Partindo do mundo dos livros e seus autores, [...] dar um retrato multifacetado do panorama cultural, um retrato necessariamente pluralista (embora seletivo) de uma realidade fragmentária como a nossa [...] 10

Realmente, pode-se dizer que a *CULT*, durante os seus dois primeiros anos, logrou dar a seus leitores esse “retrato multifacetado e pluralista” do panorama cultural da nossa “realidade fragmentária”. Entretanto, o que chama a atenção nessa citação é o que está entre parêntesis: o “embora seletivo”. É óbvio que toda publicação é seletiva, mas o que é interessante saber é se essa seleção continua afirmado o cânone ou se ela abre espaço para novos temas e autores. E para constatar isso, deve-se analisar novamente a estrutura e os dados quantitativos desse período da revista.

As seções mais importantes da *CULT* são “Entrevista” e o “Dossiê”, pois além de possuírem, geralmente, um número maior de páginas em relação a outras matérias da revista, são destacadas na capa e no sumário. Pelos entrevistados e pelos temas publicados no “Dossiê” se constatou uma tendência maior a afirmar e sacralizar o cânone literário e cultural, que romper com suas regras.

A seção “Entrevista” cedeu lugar a personalidades do âmbito cultural que já desfrutam de certo reconhecimento dentro de sua respectiva área de atuação. É o caso de: Décio de Almeida Prado, Boris Schnaiderman, Nadine Gordimer, Bárbara Heliodora, Nelson Ascher, Dias Gomes, Hilda Hilst, Ricardo Piglia, Manoel de Barros,

10 LEMOS, Paulo; PINTO, Manuel da Costa. “Ao leitor” In: *CULT*, n. 1, julho de 1997, p. 2.

Augusto de Campos, Lygia Fagundes Telles, Régis Bonvicino e outros intelectuais que apareceram na seção.

O “Dossiê” também confirma a tendência da afirmação do cânone literário, pois a maioria dos escritores ou intelectuais tratados nesta seção já são consagrados pela crítica, como: Padre António Vieira, Dostoiévski, Clarice Lispector, Cruz e Souza, Emilio Villa, Antonio Cândido, Stéphane Mallarmé, Fernando Pessoa e Machado de Assis. Porém, a *CULT* também demonstrou uma tentativa de abrir espaço para literaturas ditas “periféricas”, pois foram realizados os dossiês sobre “Ficção científica brasileira”, “Futebol e literatura”, “Estudos Culturais” e “Literatura de testemunho”.

Outro elemento importante da estrutura da Revista *CULT* é a sua capa, um termômetro interessante para medir a importância dada a determinados temas. A maioria das capas traz a imagem, seja foto, reprodução ou outro tipo de iconografia relacionada à literatura ou a um escritor consagrado.¹¹ O que se verificou nas 24 capas analisadas é a predominância de reproduções de imagens de escritores consagrados.

Dentro da estrutura da revista as seções que mais abriram espaço para a publicação de novos autores foram “Criação” e “Gaveta de Guardados”, onde se publicaram textos literários inéditos de autores pouco reconhecidos, ou simplesmente desconhecidos, ou estreantes na área de ficção e poesia.

Os dados quantitativos também confirmam a fidelidade da revista ao cânone literário, pois os dez autores mais citados foram: Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis, Jorge Luis Borges, William Shakespeare, Dostoevski, João Cabral de Melo Neto, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, James Joyce e Guimarães Rosa.

As reflexões que foram apresentadas aqui possuem suas limitações e são questionáveis. Não se pretendeu elaborar teorias que englobem tudo, mesmo porque certas posturas da Revista *CULT* dos dois primeiros anos podem ter mudado com o curso do tempo e ainda podem mudar, já que a revista continua sendo publicada e tudo indica que continuará por muito tempo.

Talvez a resposta para o sucesso da *CULT*, que hoje em dia conta com uma tiragem de 26.000 exemplares por mês, seja justamente essa tendência em misturar a “clareza jornalística” e a “profundidade reflexiva acadêmica”. Como foi visto, não houve um “equilíbrio” entre as duas formas, mas os textos ou as seções da revista apresentam uma certa graduação entre ambas.

¹¹ A única exceção é a primeira capa que traz a foto de Ernesto Che Guevara; esse primeiro exemplar possui uma resenha sobre biografias do “Che”, que estavam sendo lançadas.

A “clareza e simplicidade” da linguagem jornalística permitiram o acesso aos estudos sobre autores e temas consagrados, que são tratados de maneira mais profunda pelo âmbito acadêmico, tornando tais escrituras “herméticas” para aqueles que não estão familiarizados com a área. Essa facilitação da revista talvez a enquadre como “produto” cultural de consumo, entretanto é um “produto” que questiona e faz refletir.

Também se percebeu que apesar de seu esforço por tentar democratizar seu espaço e abri-lo aos novos escritores, ainda imperam nas páginas da *CULT* os valores canônicos.

É possível que estejamos testemunhando um novo, mas velho, tipo de crítica literária. Novo no sentido de ser mais maleável, mais acessível a um grupo maior de leitores, entretanto velho, porque ainda perduram certos valores. Quem sabe essa seja a chave para o bom desempenho comercial da revista.